

## A tecnologia como instrumento motivacional no processo da aprendizagem em sala de aula

Isabel Riscado Fernandes<sup>1</sup>

Mary Jeanne Tavares<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da utilização da tecnologia como ferramenta influente na motivação de alunos em sala de aula, contribuindo de forma significativa no processo da aprendizagem. Destaca-se como metodologia uma pesquisa qualitativa com recorte bibliográfico que aponta autores e estudos sobre os avanços inerentes a sociedade contemporânea. Nesse sentido, as linguagens que transitam o cotidiano entre alunos vêm englobando os aspectos motivacionais e dimensões pessoais, que para tanto venham integrar a tecnologia ao ensino. Acredita-se que o professor poderá utilizá-los como ferramentas motivadoras da aprendizagem, buscando remodelar a metodologia e alcançar resultados eficazes na construção da formação do aluno.

**Palavras-chave:** tecnologia, novas metodologias, ensino aprendizagem

**Abstract:** This paper aims to reflect about the use of technology as an influential tool in motivating students in the classroom, contributing significantly in the learning process. It stands out as a qualitative research methodology with bibliographic clipping pointing authors and studies on the advances inherent in contemporary society. In this sense, languages transiting everyday between students come encompassing motivational aspects and personal dimensions, which both come to integrate technology into teaching. It is believed that the teacher can use them as motivational tools of learning, seeking to reshape the methodology and achieve effective results in the construction of student education.

**Keywords:** technology, new methodologies, teaching and learning

---

---

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF campus CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação de Fernanda Castro Manhães \*\* Pós Doutoranda em Cognição e linguagem, UENF , E-mail: [castromanhaes@gmail.com](mailto:castromanhaes@gmail.com)

1 Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro/ Programa de pós graduação em cognição e Linguagem, Campos dos Goytacazes, RJ,Brasil, Psicóloga. [isabelr.fernandes@gmail.com](mailto:isabelr.fernandes@gmail.com)

2 Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro/ Programa de pós graduação em cognição e Linguagem, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil, Professora da rede estadual \_SEEDUC. [maryv@prof.educacao.rj.gov.br](mailto:maryv@prof.educacao.rj.gov.br)

## 1 Introdução

Nos dias atuais, estamos vivenciando as mudanças impostas pela evolução tecnológica, que impulsionam transformações sociais e culturais, na qual se caracterizam pelas relações de produção e de consumo permeando as interações sociais. O indivíduo hoje vive em um mundo repleto de tecnologias que produzem encantamento e fascinação. Os atrativos oferecidos pela mídia despertam interesses que ultrapassam o ambiente escolar. No entanto, essa, muitas vezes, não oferece os mesmos dotes, o que na maioria dos casos gera certos desinteresses e falta de motivação pelos estudos, pois para um sujeito imerso em um universo tecnológico e pragmático, a sala de aula e todos os seus aparatos remotos, tornam-se ultrapassados. Embora as pessoas saibam da importância da educação para o desenvolvimento do ser humano, fazer com que os meninos e as meninas compreendam isso é um grande desafio.

Nesse sentido, é imprescindível pensar sobre a questão da motivação dos indivíduos em sala de aula, já que tem se diluído nos alunos. Torna-se portanto, um assunto preocupante, pois, a escola é uma etapa de grande relevância na formação do indivíduo e primordial para o desenvolvimento do mesmo.

Sendo assim, pode-se entender que os acessos aos novos meios de informação e comunicação fazem parte do universo atual e que sua dinâmica incide nos sujeitos contemporâneos, que se encontram inseridos nesse ambiente fomentado por tais ferramentas. Acredita-se que indicam novos parâmetros para o corpo se situar no mundo e geram novas formas de relações

interpessoais, acarretando desafios para a educação e no manejo da arte de ensinar. Diante das discussões apresentadas, surge o seguinte questionamento: Como a tecnologia pode ser utilizada a serviço da aprendizagem em sala de aula?

A escola pode modificar-se significativamente com a inserção das tecnologias. As paredes das escolas podem se dissolver, as pessoas se intercomunicarem, podendo acarretar mais fluidez das informações. A educação pode ser otimizada pela possibilidade de integração dessas ferramentas, de modo que sejam utilizadas como mediadoras da aprendizagem em sala de aula. Elas podem, facilitar experiências de aprendizagem complexas e cooperativas, transformando o aprender, reconfigurando o conhecimento, e até ajudando a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e as mídias interativas podem trazer um novo sentido a aprendizagem e a absorção do conhecimento, pautadas em ricas trocas sociais. Contudo, faz-se necessário uma reflexão sobre o potencial de comunicação e interatividade que esses aparatos tecnológicos são capazes de possibilitar ao indivíduo, de modo que a aprendizagem mediada por eles favoreça o exercício cognitivo e possibilite a motivação pelo aprender em sala de aula.

## **2 Os nativos digitais e a sala de aula**

O termo Nativos Digitais foi criado por Prensky (2001), com o intuito de descrever uma geração de indivíduos, essa por sua vez, é formada pelos que já viveram ao mundo fomentado pela tecnologia, onde computadores, celulares, tablets, internet, dentre outros, já faziam parte dessa realidade. No entanto não conseguem conceber o mundo de outra forma, a não ser com a presença desses artefatos.

O conceito de Nativos digitais foi elaborado por Prensky (2001), baseando-se no surgimento da Web 2.0. Uma versão da Web inusitada, sendo mais dinâmica acessível e interativa que a anterior, a Web 1.0.

Essa fase do surgimento da Web 2.0, equivale ao início da década de 90 do século passado. Os denominados Nativos Digitais estavam nascendo, visto que, chegaram ao mundo em um momento de grandes mudanças, onde a sociedade modificava sua estrutura em decorrência da

evolução tecnológica. No entanto, pode-se dizer que esses indivíduos imaginaram a realidade de forma distinta aos que nasceram anteriormente a este período de atravessamento.

Além disso, Prensky (2001) desenvolveu tal conceito levando em consideração a realidade das escolas. A educação, apesar das inúmeras mudanças na sociedade, produzidas pela tecnologia, acaba por não acompanhar tais alterações. O que faz perpetuar um vácuo entre suas propostas e a metodologia utilizada em sala de aula.

O autor procurou abordar as metodologias tradicionais que ainda são muito utilizadas em algumas escolas em paralelo ao comportamento dos Nativos Digitais, no caso os alunos, diante de tais métodos. Ele destaca que os professores possuem uma linguagem fruto de uma formação tradicional e que não beneficia a aprendizagem dos alunos. Pode-se dizer que a sala de aula tem encontrado limitações, devido ao fato de muitos professores não terem experiências com a tecnologia e sua utilização, enquanto os alunos nasceram manipulando celulares, computadores, tablets, dentre outros aparatos que são ofertados em nossa sociedade contemporânea.

No universo informacional que nos envolve, misturam-se vários saberes e formas muito diversas de aprender, enquanto nosso sistema educativo, na sua grande maioria, ainda se encontra todo organizado em torno da escola e do livro. Segundo Martín-Barbero (2006), o que estamos vivenciando é uma transformação nos modos de circulação do saber, que, encontram-se fragmentado, passeando por lugares distintos e sem a representação exata de figuras sociais, que antes eram responsáveis por conduzi-los. Portanto, a escola está deixando de ser o único lugar da legitimação do saber, o que se constitui em um enorme desafio para o sistema educativo. Diante desse desafio, muitas vezes os docentes adotam uma posição defensiva e às vezes até negativa, no que se refere às mídias e às tecnologias digitais, como se pudessem deter seu impacto e afirmar o lugar da escola e o seu como detentor do saber. É preciso que, perante essa nova ordem das coisas, a escola e seus profissionais não se afastem, mas busquem compreender o que se passa e se disponham a interagir com as novas possibilidades.

De acordo com Freitas (2010) nos dias atuais, o aluno traz para a escola o que descobriu em suas navegações de internauta e está disposto a discutir com seus colegas e com o professor. Ele não vê mais o professor como um transmissor ou a principal fonte de conhecimento, mas espera que ele se apresente como um orientador das discussões travadas em sala de aula ou mesmo nos ambientes *on-line* integrados às atividades escolares. O mesmo autor acredita que,

a possibilidade de pesquisar, ler e conhecer sobre os mais variados assuntos navegando na internet confere ao aluno um novo perfil de estudante, que exige também novo perfil de professor. Cabe ao professor estar atento a essa nova fonte de informações para transformá-las, junto com os alunos, em conhecimento.

Em paralelo com o autor acima, Fey (2011) postula, que na sala de aula tradicional, a interação entre professor e aluno nem sempre ocorre, principalmente na velocidade e frequência com que o nativo digital experimenta fora do ambiente escolar. Do ponto de vista do aluno nativo digital, aparentemente, para ele é mais fácil interagir com as TICs do que com o professor em sala de aula, pois com as TICs, por exemplo, ele não precisa de autorização para iniciar e terminar o diálogo. As TICs oportunizam, através do ambiente em rede, que surjam interações entre sujeitos que compactuem de mútuo interesse.

A partir disso supõe-se que possa haver um conflito silencioso entre o modo de aprender dentro e fora da sala de aula. O conflito pode se estender também na linguagem utilizada nesses dois ambientes. Segundo Prensky (2010) “Os estudantes de hoje não são mais as pessoas para as quais o nosso sistema educacional foi desenvolvido”. Ainda discorre que os nativos digitais entram na sala de aula com uma quantidade de informações recebidas superior aos que os antigos estudantes. É nessa perspectiva que se busca refletir o novo aluno e novo professor, já que a tecnologia é intrínseca a sociedade contemporânea. Não temos como mudar a influência das TICs na sociedade atual e na vida dos estudantes. Nossa vida é constituída pela mediação social e cultural (VIGOTSKY, 1998)

### **3 Tecnologia e aprendizagem: desafio no âmbito educacional**

A tecnologia e a aprendizagem voltadas para uma integração dentro da educação, educação esta que está a algum tempo procurando resgatar valores e competências que envolvam professores e alunos para adequação do processo ensino aprendizagem.

Procuramos associar o uso das TIC com o sucesso escolar, com a melhoria no aprendizado, que de certa maneira vem causar um impacto em detrimento de outros conhecimentos, mas para tanto, necessitamos de ferramentas que nos auxiliem para esta sustentação de pensamentos e atitudes. Baseados em estudos, alguns autores nos apontam e fortalecem essa perspectiva visual onde podemos citar Coll, que nos mostra as TIC como instrumentos para pensar e interpretar, seu argumento fundamental para continuar mantendo um nível elevado

de expectativas sobre o potencial educacional das TIC, apesar dos limitados efeitos documentados até o momento. Na verdade, a novidade das “novas” TIC ou TIC digitais, não esta na sua natureza de tecnologias “para” a informação e a comunicação. Nós, humanos, sempre utilizamos tecnologias para transmitir informação, para nos comunicarmos e para expressar nossas ideias, sentimentos, emoções e desejos, desde sinais ou símbolos entalhados na pedra ou na casca de uma árvore e os sinais de fumaça, até o telégrafo, o telefone, o rádio ou a televisão, passando pelos gestos e os movimentos corporais, a linguagem de sinais, a linguagem oral, a língua escrita ou a impressa. (...) A novidade, está realmente no fato de que as TIC digitais permitem criar ambientes que integram os sistemas semióticos conhecidos e ampliam até os limites inimagináveis a capacidade humana de (re) apresentar, processar, transmitir e compartilhar grandes quantidades de informações com cada vez menos limitações de espaço e de tempo, de forma quase instantânea e com um custo econômico cada vez menor. (Cool, 2010, p 76)

Uma vez que instaurada no professor essa vontade de refletir sobre os fatos citados, em busca de um acompanhamento que lhes de resultados positivos dentro do processo ensino aprendizagem, este passará ver de maneira sugestiva o uso das TIC no seu contexto curricular. A junção, professores, alunos e conteúdos, todos focados na mesma direção, nos dará uma série de recursos que poderão ser explorados e aplicados desde que ocorra um planejamento para que seja focado o conteúdo, os recursos tecnológicos, avanços e dificuldades. O uso das TIC, cada vez mais, vem sendo incluído na educação, os professores devem acompanhar os passos da tecnologia lado a lado e buscar um aprendizado que tenha valor motivacional.

A motivação facilita o aprendizado e praticamente muitos dos professores admitem que o uso dos recursos tecnológicos seja fundamental para os alunos do século XXI, se pesquisam e estudam de que maneira facilitadora para utilizar as ferramentas que estão tão próximas de seus alunos e inseri-las nas aulas com a intenção de motivar e fazer com que aluno preste atenção e reconheça o valor do aprendizado só vem a contribuir com todo o processo.

Sabemos que, a educação tem muitos desafios, alguns nem devemos citar neste momento, mas vamos para a prática docente vista de maneira geral, o professor tem que planejar sua aula, agradar seus alunos e agradar a si mesmo.

Moran (2013), nos diz que as tecnologias digitais facilitam a pesquisa, a comunicação e a divulgação em rede. Temos as tecnologias mais organizadas, como os ambientes virtuais de aprendizagem\_ a exemplo a plataforma Moodle e semelhantes\_ que permitem que tenhamos

certo controle de quem acessa o ambiente e do que é preciso fazer em cada etapa de cada curso. Podemos também incentivar o uso dos ambientes comuns ao dia a dia dos alunos, como Blogs, Facebooks, wikis e os aplicativos para celular, que facilitam o entendimento e torna mais agradável o aprendizado, uma vez que estamos propondo atividades dentro da linguagem dos alunos, dentro do seu mundo. O que bem elaborado, pode trazer resultados positivos e as atividades serão validadas com uma importante relevância no que tange ao uso dos recursos tecnológicos , quando incorporadas nas propostas de cada série, dentro dos projetos, enfim, parte integrante do contexto escolar.

Quanto maior o uso da tecnologia, mais confiança nas atividades, maior a aproximação entre alunos e professores, a percepção da troca de conhecimento, trazendo o mundo virtual para perto dos conteúdos curriculares, dando este ar de comprometimento e cumplicidade com a educação.

Os próximos passos na educação estarão cada vez mais interligados à mobilidade, à flexibilidade e à facilidade de uso que os *tablets e iPods* oferecem a um custo mais reduzido e com soluções mais interessantes, motivadoras e encantadoras...(Moran, 2013,p.35)

#### **4 Motivação no processo ensino-aprendizagem**

O termo motivação é derivado do verbo em latim "movere". A idéia de movimento aparece em muitas definições e, relaciona-se ao fato da motivação levar uma pessoa a fazer algo, mantendo-a na ação e ajudando-a a completar tarefas (Pintrich&Schunk, 2002).

Pode-se notar que existe uma variedade de enfoques sobre o que seja motivação, e não há uma concepção universalmente aceita , apenas diversos autores que teorizam sobre essa questão. De acordo com Witter (1984), os conceitos de motivação usualmente enfatizam um ou combinações de três tipos de variáveis: determinantes ambientais, forças internas, incentivo, alvo ou objeto que atrai ou repele o organismo. Cofer e Appley (1967 apud Witter 1984) postulam que o constructo motivação deve ser desenvolvido de modo a corresponder sempre a propriedades ou características do comportamento, e utilizado apenas quando outros conceitos não forem suficientes.

Entre as múltiplas concepções de motivação, possivelmente a que põe a motivação como aspecto mais central é a que tem sua origem na teoria da evolução. Para Witter (1984) nesta concepção, todo comportamento é motivado e serve as necessidades do organismo. Sem motivação não há comportamento. Este é o meio pelo qual a necessidade é satisfeita.

Outras posições teóricas destacam ou apoiam suas proposições, tendo por base mais as características ou propriedades motivacionais específicas do comportamento.

Segundo Murray (1986), a motivação representaria "um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa". Esta noção que vincula a motivação a uma energia interna é também compartilhada por outros teóricos. Para Garrido (1990), a motivação é um processo psicológico, uma força que tem origem no interior do indivíduo e que o empurra, o impulsiona a uma ação. Na opinião de Pfromm (1987), "os motivos ativam e despertam o organismo, dirigem-no para um alvo em particular e mantêm o organismo em ação". De acordo com Pintrich e Schunk (2002) uma definição de motivação deveria englobar alguns elementos: a noção de "processo", ou seja, a motivação é um processo e não um produto, dessa forma não pode ser observada diretamente, mas pode ser inferida a partir de alguns comportamentos.

No entanto, quando se pensa em motivação para a aprendizagem é preciso considerar as características do ambiente escolar. De forma geral, as tarefas e atividades proporcionadas no ambiente escolar estão relacionadas a processos cognitivos como: capacidade de atenção, concentração, processamento de informações, raciocínios e resolução de problemas. Portanto falar de motivação no ambiente escolar requer a consideração da singularidade deste ambiente.

E o professor torna-se um agente motivador dentro deste processo, pois sua atuação está diretamente ligada com todas as formas de aprendizado que será exercida sobre o aluno. As ferramentas oferecidas, os objetos de aprendizagem e os aplicativos dos celulares, estão cada vez mais próximos do cotidiano dos alunos. E quando o professor buscar a linguagem que os alunos entendem, estes acabam aprendendo com maior interesse e facilidade.

O reconhecimento da era digital, segundo Moram (2010), é tido como uma nova forma de categorizar o conhecimento não implica descartar todo o caminho trilhado pela linguagem oral e escrita, nem mistificar o uso indiscriminado de computadores no ensino, mas enfrentar



com critério os recursos eletrônicos como ferramentas para construir processos metodológicos mais significativos para o aprender.

Diante das situações cabe ao professor romper as barreiras dentro de sala de aula e com isso criar possibilidades sejam elas virtuais ou presenciais que auxiliem o aluno a ter acesso as informações escritas, visuais ou tecnológicas sempre buscando a rede como aliada ao processo ensino aprendizagem, abrindo novos horizontes, aproximando da realidade contemporânea, rompendo com o conservadorismo.

A tecnologia digital rompe com a narrativa contínua e sequencial das imagens e textos escritos e se apresenta como um fenômeno descontínuo. Sua temporalidade e espacialidade, expressas em imagens e textos nas telas, estão diretamente relacionadas ao momento de sua apresentação. Verticais, descontínuos, móveis e imediatos, as imagens e os textos digitalizados a partir da conversão das informações em *bytestêm* o seu próprio tempo, seu próprio espaço fenomênico da exposição. Eles representam portanto um outro tempo, um outro momento revolucionário, na maneira de pensar e de compreender. (Kenski, 1998,p.64)

O professor tem o grande desafio, tornar o aluno um descobridor, um transformador, e tudo que aprende transformar em conhecimento. Visualizar seu aluno em indivíduo com talento, capacidade, sempre valorizando a aprendizagem colaborativa, motivando-o de maneira a buscar o conhecimento ser um agente transformador, interessado, trazendo novidades para que sejam divulgadas entre alunos e professores, sem barreiras.

## **5 Considerações finais**

A questão da motivação dentro do ambiente escolar permeia toda a discussão, visto que, as crianças chegam cada vez mais desinteressadas pela escola. No entanto, o artigo nos

traz a reflexão de que a motivação pode ser considerada como um requisito, uma condição prévia da aprendizagem. Pode-se entender que sem motivação não há aprendizagem.

Desse modo, os professores precisam motivar seus alunos para o ensino, e para isso necessitam estar igualmente motivados, a fim de realizar atividades criativas e envolventes. É importante que questionem seu trabalho, com o intuito de analisar os benefícios que o mesmo oferece aos alunos. Evidentemente, sabe-se da importância da motivação em sala de aula, porém a reflexão sobre o assunto é imprescindível.

Para que essa motivação possa ocorrer de forma fluída, podemos pensar na integração de aparatos tecnológicos como mediadores da aprendizagem, de modo a contribuir e facilitar esse processo em sala de aula. É indispensável pensar as tecnologias na educação: vídeo, televisão, jornal, computador, tablet, celular. Associar o mais avançado com as técnicas convencionais, associar o humano e o tecnológico, dentro de uma visão pedagógica nova, criativa e que não seja engessada.

Educar, portanto, é buscar as possibilidades e diminuir os limites. Estimular o anseio de aprender, de desdobrar as formas de perceber, de sentir, de compreender, de comunicar-se. Levando em consideração a conexão do ensino com a pessoa do aluno, com a vida do aluno, com sua experiência. É importante refletir sobre o fato da educação ser um processo compartilhado, de reciprocidade, e buscar o aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação, pela tecnologia.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

COLL, César, MONEREO, Carlos. Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação. Porto Alegre: Artmed 2010.

FEY, Ademar Felipe. A linguagem na interação professor-aluno na era digital: considerações teóricas. Disponível em: <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/wp-content/uploads/2011/06/A-linguagem-na-intera%C3%A7%C3%A3o-professor-aluno-na-era-digital-Considera%C3%A7%C3%B5es-te%C3%B3ricas.pdf> Acesso em: 01/06/2015.

FREITAS Maria Teresa. DOSSIÊ Letramento digital e formação de professores. Educ. rev. v.26, n.3. Belo Horizonte. Dec. 2010 acesso em :25/05/2015

KENSKI, V. M. Novas tecnologias. O redimensionamento do espaço e o tempo e os impactos no trabalho docente. In: Revista Brasileira de Educação nº7. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa. Jan./abril,1998.

GARRIDO, I (1990). Motivacion, emocion y accion educativa. Em: Mayor, L. & Tortosa, F. (Ed) *Âmbitos de aplicacion de la psicologia motivacional* Bilbao: Desclee de Brower.

GOBBI, M. C. Nativos Digitais: Autores na Sociedade Tecnológica. IN: São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 25/05/2015

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21ª ed.rev e atual.- Campinas, SP; Papirus, 2013

Pintrich P, R. & Schunk, D. H (2002). Motivation in education - theory, research and applications. New Jersey: Merrill Prentice Hall.

PRENSKY, Marc. “Não me atrapalhe, mãe – Eu estou aprendendo!”. São Paulo: Phorte, 2010.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants, Part II: Do They Really Think Differently? (MCB University Press, Vol. 9 No. 6). 2001. Disponível em:<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part2.pdf> Acesso em: 01/06/2015.

Pfromm, S. N. (1987). *Psicologia da aprendizagem e do ensino*. São Paulo: EPU.

Murray, E. J. (1986). *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81 p. 143-160, dez. 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WITTER, G. P.; LOMÔNACO, J. F. B. *Psicologia da Aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1984.